

**Revista de Literatura,  
História e Memória**



Seção: Pesquisa em Letras no contexto  
Latino-americano e Literatura, Ensino e  
Cultura

ISSN 1983-1498

VOL. 15 - Nº 25 - 2019

UNIOESTE/CASCAVEL - P. 117-129

**“I BELONG TO THIS PLACE OF WORDS”:  
MEMÓRIA, PERTENCIMENTO E ESCRITURA EM BELL  
HOOKS**

**“I belong to this place of words”:** memory, belonging and  
writing in Bell Hooks

Ernani Silverio Hermes<sup>1</sup>  
Denise Almeida Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este trabalho busca entender como a memória se põe como um meio construtor de identidade a partir das noções de lugar e de pertencimento, bem como o papel da escrita nesse processo. Para tanto, tomamos como objeto de estudo a produção ensaística e memorialista da escritora afro-americana Bell Hooks<sup>3</sup>, destacando o livro *Bone Black: memories of girlhood* (1996) e ensaios contidos na

coletânea *Belonging: a culture of place* (2009). A partir do *corpus* eleito, iremos analisar como o resgate das memórias da infância, sobretudo as atreladas ao seu lugar de origem, Kentucky, se fazem presentes no processo de construção da sua identidade. A fim de dar embasamento teórico ao estudo proposto, recorreremos aos Estudos Culturais para definirmos o conceito de identidade, com apoio nos postulados de Kathryn Woodward e Tomaz Tadeu da Silva. Sobre memória, buscamos as teorias de Maurice Halbwachs, principalmente no que se refere às relações entre memória e lugar, e Michael Pollak, sobre enquadramento da memória; também, nos valem da ideia de dialética da memória e da identidade, proposta por Jöel Candau. Após a leitura dos textos de Hooks, à luz das teorias elencadas, observamos que o ato da escrita impulsiona reelaboração do vivido a partir do resgate da memória, o qual, ao promover a reflexão sobre si, culmina na (re)formulação da sua identidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memória; Identidade; Lugar; Escritura; Bell Hooks.

**ABSTRACT:** This work aims to understand how memory is made a means of identity construction in association with the notions of place and belonging, and the role of writing in this process. For this purpose, we take as study object bell hooks' essays and memoir, highlighting the book *Bone Black: memories of girlhood* (1996), and essays taken from the collection *Belonging: a culture of place* (2009). We analyse how the rescue of childhood memories, especially those related to her birth place, Kentucky, are present in the process of identity construction. Theoretical foundation for this study is found, with respect to the concept of identity, in Cultural Studies, especially on Kathryn Woodward's and Tomaz Tadeu da Silva's postulates. Maurice Halbwachs provides the rationale for the study of memory, mainly in what regards to the relations between memory and place; the notion of memory framework is referred to as it is conceived by Michael Pollak. We also refer to the idea of the dialectic of memory and identity proposed by Jöel Candau. Findings show that the act of writing promotes the reelaboration of lived

<sup>1</sup> Acadêmico do curso de Letras - Inglês e bolsista de iniciação científica na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Professor da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Cerro Grande – RS.

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora do Departamento de Linguística, Letras e Artes da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, atuando no Programa de Pós-Graduação em Letras - Literatura Comparada e Graduação em Letras.

<sup>3</sup>Embora grafar o nome em letras minúsculas (bell hooks) seja uma opção política da autora, como forma de subverter a língua e chamar a atenção para suas ligações com o poder patriarcal e processos excludentes como o sexismo e o racismo, a editoria deste veículo opta por grafá-lo em maiúsculas, adequando-o à norma da Língua Portuguesa.

experience based on remembrance and this, leading Hooks to reflect on her own story, is instrumental in promoting the creative (re)formulation of her cultural identity.

**KEYWORDS:** Memory; Identity; Place; Writing; bell hooks.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é proposto a partir do desejo de articular os conceitos de memória e identidade à escrita de Bell Hooks. Para tanto, tomamos como objeto de estudo a produção memorialista e ensaística da escritora afro-americana, destacando o livro *Bone Black: memories of girlhood* (1996) e ensaios contidos na coletânea *Belonging: a culture of place* (2009). É nossa intenção observar a forma como memória e identidade perpassam a teoria crítica e práxis ficcional da autora e a relevância ocupada por seu lugar de origem, o Kentucky, nesse processo de reinvenção criativa do vivido por meio da escrita. Em relação ao quadro conceitual, recorreremos aos Estudos Culturais, aos postulados de Kathryn Woodward e Tomaz Tadeu da Silva, para definirmos identidade; as considerações sobre memória são buscadas em Maurice Halbwachs e em Michael Pollak, este último com referência ao conceito de enquadramento de memória; por fim, os imbricamentos entre memória e identidade são pensados a partir das ideias de Jöel Candau.

A partir da articulação das noções citadas, passamos a analisar o papel da escrita como meio através do qual a autora resgata a sua experiência de lugar, o que projeta o escrever como um espaço de recuperação e conservação da sua memória e, pois, elemento balizador da formulação de sua identidade.

## MEMÓRIA E IDENTIDADE

No cenário do século XX, Maurice Halbwachs dá impulso às discussões sobre memória ao propor o conceito de “memória coletiva”. O autor entende que a memória coletiva situa-se num patamar mais elevado que a individual, uma vez que “a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (HALBWACHS, 2003, p. 69).

Esse teórico aponta que ao evocarmos uma lembrança recorreremos aos testemunhos de outras pessoas, ou seja,

recorreremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma

informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós. O primeiro testemunho a que podemos recorrer será sempre o nosso (HALBWACHS, 2003, p. 29).

O autor complementa e explica:

é como se estivéssemos diante de muitos testemunhos. Podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-lo porque eles concordam no essencial, apesar de certas divergências (HALBWACHS, 2003, p. 29).

Para formular suas concepções, Halbwachs se vale do fato de que o homem é um ser social, uma vez que entende que a memória coletiva é construída, também, no âmbito dos eventos presenciados por apenas uma pessoa. Isto porque há o entendimento, por parte do autor, de que não estamos sós no mundo; assim, não é necessária a presença material, física, de outros sujeitos para que estes sejam testemunhas dos eventos. Segundo Halbwachs, levamos o grupo social ao qual pertencemos conosco em pensamento. Assim, o ato de rememoração é coletivo, já que “para confirmar ou recordar uma lembrança, não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível” (HALBWACHS, 2003, p. 31).

No entanto, o sociólogo francês salienta que é necessário haver concordância nos testemunhos trazidos ao processo de rememoração. Sobre isso, o autor se manifesta dizendo que

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outra para que as lembranças que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança (HALBWACHS, 2003, p. 39).

Quando se pensa a memória como operação coletiva que reelabora e interpreta os acontecimentos que uma comunidade deseja guardar sobre eles, enfoca-se um trabalho de enquadramento da memória. Esta operação é definida por Michael Pollak (1989, p. 9) como “tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades”, como forma de manter sua coesão e guardar suas fronteiras sociais.

Assim, a memória é posta não como uma “colcha de retalhos”, que se constitui de forma

desordenada e sem critérios, mas está, sim, em um contínuo processo de reconstrução, já que sofre a influência de agentes externos ao sujeito. Pela ótica halbwichiana, isto se efetiva pelos testemunhos trazidos no processo de rememoração, concordantes com as imagens mnemônicas já existentes que circulam e são relevantes para os membros de determinada comunidade e que se constituem, portanto, em um quadro social de memória daquele grupo social.

Assim como a memória, a identidade se põe mutável e em contínuo processo de (re)construção. Isso é sustentado, de maneira mais aguda, pelos Estudos Culturais, campo de estudo que eclode na Inglaterra nos anos 1950 ao estudar as produções culturais da classe operária. Com vista a esses objetos, essa linha teórica se dedica, dentre outras coisas, à análise das formações identitárias que perpassam essas produções.

Nessa perspectiva, Tomaz Tadeu da Silva afirma que

A identidade não é uma essência; não é um dado ou um fato – seja da natureza, seja da cultura. A identidade não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente. A identidade tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. Por outro lado, podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. A identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. A identidade está ligada a estruturas discursivas e narrativas. A identidade está ligada a sistemas de representações. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder (SILVA, 2000, p. 96-97).

A mutabilidade da identidade está ligada, nesse sentido, às representações simbólicas que cercam o sujeito. A cultura, esse capital simbólico que traz consigo ideologias e cosmovisões, corrobora com essas representações; assim, estabelece papel decisivo em face da formação da identidade. Nesse ponto, Kathryn Woodward considera que

a representação inclui as práticas de significação e os sistemas por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido a nossa experiência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar. A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? (WOODWARD, 2000, p. 17).

Ainda, a identidade não se encerra em si mesma, uma vez que, segundo, Woodward (2000, p. 09), pelo fato de “a identidade ser relacional”, ela “depende, para existir, de algo fora

dela”. Esse elemento exterior pode abarcar as diferentes manifestações culturais, outras identidades e, também, a própria memória.

Uma vez que tanto a memória quanto a identidade são elementos que se tocam e que se pautam pela temporalidade, o antropólogo francês Jöel Candau formula uma dialética da memória e da identidade, postulando que

a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apóiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (CANDAU, 2016, p. 16).

#### BELL HOOKS: UMA DIALÉTICA DA MEMÓRIA E DA IDENTIDADE SOB A SINA DO KENTUCKY

A partir das considerações sobre memória e identidade, passamos a analisar como se dão os desdobramentos desses conceitos na teoria crítica e na práxis ficcional da autora. O primeiro ponto que destacamos é o resgate das memórias da infância, registradas no livro *Bone Black: memories of girlhood* (1996). No prólogo da edição, a autora adverte que o livro que o leitor está a começar a ler é “an unconventional memoir, it draws together the experiences, dreams, and fantasies that most preoccupied me as a girl” (HOOKS, 1996, p. xiv).<sup>4</sup> Do mesmo modo, define o seu discurso autobiográfico como uma união de “truth and myth – as poetic witness” (HOOKS, 1996, p. xiv).<sup>5</sup> Essa ideia de testemunho poético, que vai ao encontro da “memória não convencional”, deixa claro que o processo de resgate e registro das memórias da infância, em *Bone Black*, será posto sob a lente ficcional e sob a forma estética, o que implica um ponto interessante sobre o processo de recordar: a imaginação. Lembrar e imaginar se imbricam; as imagens mnemônicas se misturam com figuras oníricas, que vêm a completar lacunas da memória. Isso se põe na escrita de Hooks pela própria ficcionalidade que emerge da escrita literária.

As lembranças ali narradas permitem ao leitor perceber o meio em que Hooks, em sua infância, estava situada. A menina nasce e cresce no Kentucky, lugar dos Estados Unidos de perfil interiorano, rural; Bell é cercada por um forte núcleo familiar, característico da cultura

---

<sup>4</sup> “uma memória não convencional, ela junta as experiências, sonhos e fantasias que mais me preocuparam quando menina” (tradução nossa).

<sup>5</sup> “verdade e mito – como um testemunho poético” (tradução nossa).

negra. Sua mãe costumava adverti-la, desde cedo, “that it is fine to love our friends but they are not Family. Family is more important than friends. We are used to family. We have grown up in family. We are not used to having friends that live nearby” (HOOKS, 1996, p. 37).<sup>6</sup>

Não podemos, de maneira alguma, deixar de situar a produção memorialística da autora do contexto racista dos Estados Unidos. O país, erguido sobre a égide da escravidão, sente, ainda hoje, as marcas da opressão e da violência contra o negro. Isso manifesta-se na escrita de Hooks, ainda que na infância ela se sentisse “protegida” contra a opressão branca. Essa percepção de “proteção” se deve à própria configuração geográfica do Kentucky, estado cercado por montanhas, o que fez com que a cultura branca hegemônica chegasse ali com menos força, de forma que os *kentukians* são afetados pela cultura opressora e segregacionista de forma menos incisiva.

Sobre essas montanhas, Hooks declara no ensaio “Kentucky is my fate”:

They represent the place of promise and possibility and the location of all my terrors, the monsters that follow me and haunt my dreams. [...] Nature was the place where one could escape the world of man made constructions of race and identity. Living isolated in the hills we had very little contact with the world of the white dominator culture” (HOOKS, 2009, p. 06-07).<sup>7</sup>

Aos usar os termos “terrores”, “monstros” e “assombro”, a autora retoma a perspectiva com que ela, quando menina, percebia seu estado natal, rememorando medos comuns às crianças: aqueles que vêm da imaginação. Todavia, o faz a partir de sua perspectiva atual, a de uma adulta, o que lhe permite ponderar sobre a relevância de sua experiência no Kentucky e o sentimento de acolhida proporcionado pela geográfica local. Dessa forma, recuperar as imagens mnemônicas da infância a faz refletir sobre a sua vida, rompendo a linha temporal que separa o seu passado do seu presente: reconstruir as imagens do passado implica o conhecimento do seu presente.

No mesmo ensaio, Hooks traz à memória a importância da geografia do Kentucky, pois por meio desta “[...] [she]experienced a connection between an unspoiled world and the human

---

<sup>6</sup> “ que é bom termos amigos, mas eles não são família. Família é mais importante do que amigos. Estamos habituados à família. Crescemos em uma família. Não é nosso costume ter amigos que estão sempre por perto” (tradução nossa).

<sup>7</sup> “Elas representam o lugar das promessas e possibilidades e o lugar dos meus terrores, os monstros que me seguiam e assombravam meus sonhos. [...] A natureza foi o lugar onde eu pude escapar do mundo dos homens e das construções de raça e identidade. Vivendo isolados nos montes nós tivemos muito pouco contato com o mundo da cultura dominante branca” (tradução nossa).

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

desire of freedom” (HOOKS, 2009, p. 08)<sup>8</sup>. A liberdade, no contexto de sua escrita, é entendida como a possibilidade de viver sem a opressão que persegue o povo negro nos Estados Unidos e, livre, poder construir um senso de pertencimento ao lugar que a acolhe.

O desejo de pertencimento manifesta-se já na infância. Ao recordar a ritualística escolar, a autora sutilmente sugere a ausência de acolhimento a parte da população ao recordar o ritual diário do Juramento à Bandeira. Como escrito por Francis Bellamy, o juramento declara que a pátria americana é uma nação una, indivisível, com liberdade e justiça para todos. Contudo, o fato de que o juramento perdera o sentido para os escolares, que o recitavam como uma espécie de reza, apenas repetindo, mecanicamente, palavras desprovidas de sentido, como é narrado em *Bone Black*: “School begins with chapel. There we recite the Pledge of Allegiance to the Flag. We have no feeling for the flag but we like de words. Said in unison, they sound like a chant” (HOOKS, 1996, p. 05)<sup>9</sup>.

Ainda com respeito às primeiras vivências no Kentucky, nas suas memórias a autora escreve: “I want to belong – [...] it hurts to be always on the outside” (HOOKS, 1996, p. 183).<sup>10</sup> Esse “estar do lado de fora” é o que marca a sensação de deslocamento; apesar da “proteção” das montanhas, o racismo se manifesta, e a menina Bell não se sente pertencente. Assim, Hooks complementa: “my work is to find out where I belong” (HOOKS, 1996, p. 183).<sup>11</sup>

Tem-se, aí, repercussões do embate entre o norte industrial e o sul agrário, interessado em manter o sistema escravocrata, durante a Guerra de Secessão. Tal embate deixou profundas marcas na sociedade norte-americana, sendo uma delas alinhada à escravatura e, portanto, às bases do racismo e da segregação, como reconhecem historiadores. Sobre as consequências da Guerra, João Paulo M. Hidalgo Ferreira e Luis Estevam de Oliveira Fernandes ressaltam:

A Guerra da Secessão deixou várias sequelas na sociedade norte-americana. Em 1865 a escravidão é proibida em todo o território norte-americano. No entanto, a abolição não criou bases sólidas para que os negros libertos tivessem condições sociais de se integrar na sociedade, permitindo que fossem alvo de ataques racistas, principalmente no sul. Foram formados vários grupos racistas como a KuKluxKlan, criada em Nashville em 1867, que praticava ataques violentos contra os negros, contribuindo para a desigualdade social dessa população. Além disso, a Guerra da Secessão ocasionou 600 mil mortes, deixando o sul dos Estados Unidos fisicamente desfigurado e

<sup>8</sup> “vivenciou a conexão entre um mundo intocado e o desejo humano da liberdade” (tradução nossa).

<sup>9</sup> “A escola começava com a capela. Lá recitávamos o Pledge of Allegiance diante da bandeira. Não tínhamos nenhum sentimento pela bandeira, mas gostávamos das palavras; pronunciadas em uníssono, elas soavam como um canto” (tradução nossa).

<sup>10</sup> “eu quero pertencer – estar sempre do lado de fora é o que machuca” (tradução nossa).

<sup>11</sup> “minha meta é descobrir qual é meu lugar de pertencimento” (tradução nossa).

economicamente arrasado por uma inflação descabida (FERREIRA; FERNANDES, 2005, p. 329).

Esse momento histórico está intimamente ligado à situação segregacionista em que vive a autora, uma vez que a Guerra de Secessão impulsiona o sentimento racista que irá embasar a segregação nos Estados Unidos. Segundo Hooks, “The history of the confederacy will always evoke the memory of white oppression of black folks with rebel flags, guns, fire and the hanging noose – all symbols of hate” (HOOKS, 2009, p. 11).<sup>12</sup> Assim, a autora traz a História para a escrita da memória; logo, a reelaboração do passado não é, de forma alguma, apenas o retorno a sua experiência pessoal, mas, também, a experiência do seu grupo.

No ensaio “To be whole and holy” (2009), Hooks aponta para o fato de que ainda não foi dito o suficiente sobre o racismo, em sua dimensão histórica, já que o sustentáculo da segregação racial e do preconceito é, inegavelmente, a história escravagista dos Estados Unidos. Nesse ensaio, imbrica a noção de racismo com as concepções de classe e gênero, constructos históricos; o preconceito contra o negro, as pessoas do campo e as mulheres impedem que se sintam pertencente. O texto é escrito após a autora ter vivenciado a experiência do lugar em diferentes regiões dos Estados Unidos.

É a partir do contexto de culto ao passado escravista e da busca por ser “whole/holy” que a autora sai em busca de novos lugares. Após a infância e juventude no seu lugar de origem, Hooks sai pelos Estados Unidos em busca de um lugar para pertencer. Uma das vivências mais marcantes é a sua experiência na Califórnia, descrita pela autora nos seguintes termos:

Digging in the California ground my hands touched Earth. That was so different from the most red and brown dirt of Kentucky I felt awe. Wonder permeated my senses as I pondered the fact that traveling thousands of miles away from my native place had actually changed the very ground under my feet. Then I could not understand how the earth could be my witness in this strange land if it could not be a mirror into which I could see reflected the world of my ancestors, the landscape of my dreams” (HOOKS, 2009, p. 12).<sup>13</sup>

---

<sup>12</sup> “A história da confederação irá sempre evocar a memória da opressão branca do povo negro através de bandeiras rebeldes, armas de fogo e laços pendurados – todos símbolos de ódio” (tradução nossa).

<sup>13</sup> “Cavando no solo da Califórnia, minhas mãos tocaram a Terra. Era tão diferente do barro tão vermelho e marrom do Kentucky que eu fiquei admirada. A maravilha permeava meus sentidos enquanto eu ponderava o fato de que viajar milhares de quilômetros de distância de minha terra natal havia realmente mudado o próprio chão sob meus pés. Então eu não conseguia entender como a terra poderia ser minha testemunha nessa terra estranha, se não podia ser um espelho no qual eu pudesse ver refletido o mundo dos meus antepassados, a paisagem dos meus sonhos” (tradução nossa).

Nesse novo lugar, Hooks não reconhece a si mesma; há um sentimento de desenraizamento, que a impede de pertencer àquele lugar. A construção da sua identidade, portanto, fica comprometida nessa situação: o lugar em que está não lhe oferece elementos culturais, simbólicos, históricos e memoriais para que a sua formação identitária seja embasada; ali só encontra segregação.

As experiências de busca por pertencimento – e identidade – não são bem sucedidas, o que a faz voltar ao Kentucky. Então, de volta a sua terra natal, volta a sentir o acolhimento que sentira na infância. Novamente está no local de suas lembranças. Como Halbwachs registra, o espaço é um *locus* da memória, pois “não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material” (2003, p. 170). Contudo, percebe-se que foi a memória enquadrada a partir do lugar vivenciado em seus primeiros anos, rememorada e reinterpretada ao longo de suas experiências em diferentes lugares da América, que manteve a sua identidade.

O retorno da escritora ao seu lugar de origem é planejado:

I would return to Kentucky and feel again a sense of belonging that I never felt elsewhere, experiencing unbroken ties to the land, to homefolk, to our vernacular speech (HOOKS, 2009, p. 24).<sup>14</sup>

Foi preciso que tivesse saído do Kentucky para entender que aquele era o seu lugar; a vivência de outras regiões americanas a fez ter contato com outras culturas que colocavam o racismo e a segregação de forma ainda mais incisiva, assim impedindo o desenvolvimento de um senso de pertença àqueles lugares. Assim, no ensaio “To be whole and holy”, escreve sobre sua volta ao seu estado natal:

Retuning to the Kentucky landscape of my childhood and most importantly to the hills, I am able to reclaim a sublime understanding that living in harmony with the earth renews the spirit. Coming home to live in Kentucky was for me a journey back to a place where I felt I belonged (HOOKS, 2009, p. 65).<sup>15</sup>

A ideia de ser “holy” compreende não a ideia moderna de santidade, como virtude ou

---

<sup>14</sup> “Eu retornaria para o Kentucky e sentiria novamente o senso de pertencimento que eu nunca senti em nenhum outro lugar, experimentando laços sólidos com a terra, com o povo, com a nossa fala vernácula” (tradução nossa).

<sup>15</sup> “Retornando à paisagem do Kentucky da minha infância, e, mais importante, as montanhas, eu recupero a sublime compreensão do que viver em harmonia com a terra renova o espírito. Voltar para casa para viver no Kentucky foi minha jornada de volta ao lugar ao qual eu sinto pertencer” (tradução nossa).

estado de santificação e pureza absolutos, mas o emprego do termo recupera uma significação mais antiga de santo, o sentido de estar separado, uma vez que é apenas separada da cultura dominadora que ela poderá desenvolver o seu senso de pertencimento. Logo, o processo de se tornar “whole” e “holy” é resultado de um “” (HOOKS, 2009, p. 68).<sup>16</sup>.

Ao resgatar a matéria histórica, no registro das suas memórias e no desenvolvimento da sua teoria crítica, Hooks propõe uma revisão da própria historiografia, uma vez que a escrita da história, a história oficial, é, sempre, a versão dos dominadores, dos detentores do poder, nesse caso, dos senhores de escravos. Assim, a escrita de uma mulher negra sobre essa questão vem preencher lacuna historiográfica e corroborar para a construção de uma memória da escravidão e da luta dos negros nos Estados Unidos, não na perspectiva oficial dos senhores, mas pelo viés de uma descendente de escravos que sentiu na pele o peso da opressão e do racismo.

A busca de Hooks por pertencimento e pelo resgate memorial representa, inevitavelmente, uma busca por identidade, já que “a memória e a identidade se concentram em lugares” e esses, por sua vez, “se constituem como referências perenes percebidas como um desafio ao tempo” (CANDAU, 2016, p. 156). O que é exposto pelo antropólogo francês é que, ao se alocarem imagens mnemônicas no espaço, desafia-se a temporalidade da identidade e da memória, pois ali será mais difícil a sua diluição. Desse modo, encontram-se indissociáveis a formação identitária e o pertencimento: o lugar, repositório de memórias, tornará possível o desenvolvimento do senso de pertencimento e, por extensão, a conformação da identidade. Com respeito a esse processo, convém lembrar como Michael Pollak, ao definir o processo de enquadramento da memória, ressalta dois aspectos fundamentais: a) sua função em forjar imperativos de justificação, defendendo território e memórias em comum; b) o fato de que esse trabalho de memória se alimenta de material fornecido pela história. Assim, ao revisar a história pessoal e coletiva a partir da perspectiva do Kentucky escravista e de suas vivências em outros estados da América, salientando, porém, a relativa proteção possibilitada pela topografia de seu lar nas montanhas, Hooks seleciona e privilegia, dentre suas vivências, as memórias alicerçadas no senso de lugar que são capazes de alimentar positivamente sua identidade.

É no processo da escrita que a autora se reconhece e aloca suas lembranças. Aí é, também, onde ela irá resgatar o mais íntimo de si, seus medos e seus sonhos. O ato de escrever organiza, resgata e conserva as suas experiências, operando uma reelaboração do vivido e,

---

<sup>16</sup> “work of self-healing, of earth healing, of revelling in this piecing together of my world in such a way that I can be whole and holy ”exercício de autocura, a cura pela terra, de juntar os pedaços do meu mundo de tal forma que eu possa vir a ser completa e sagrada” (tradução nossa).

também, de sua identidade cultural. No dizer de Candau, “todo aquele que recorda domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante de identidade” (2011, p. 74). Isso é marcadamente assinalado ao final do livro memorial *Bone black*:

At night when everyone is silent and everything is still, I lie in the darkness of my windowless room, the place where they exile me from the community of their heart, and search the unmoving blackness to see if I can find my way home. I tell myself stories, write poems, record my dreams. In my journal I write - I belong in this place of words. This is my home. This dark, bone black inner cave where I am making a world of myself (HOOKS, 1996, p. 183).<sup>17</sup>

O registro aponta, assim, para a escrita como um lugar de renascimento, similar a um útero. A adjetivação “*bone black*”, usada para descrever a escuridão desse refúgio íntimo é relevante, já que a expressão “negro de osso” descreve um carvão vegetal fino obtido através da queima de ossos animais em recipientes fechados, o qual é usado como pigmento e no refino de açúcar. A relevância da metáfora provida por esse negro de osso é evidenciada pelo fato de que esse foi o título escolhido para nomear a obra: *Bone Black*. Faz-se preciso voltar ao processo de obtenção do pigmento: primeiro, é necessário grande envolvimento e sacrifício, simbolizado pelo uso de elemento corpóreo, o osso; segundo, os ossos utilizados são animais, o que associado à experiência negra em contexto escravocrata equivale a chamar a atenção ao processo de animalização e objetivação do negro; finalmente, a necessidade de que a combustão seja feita em recipiente fechado para que se produza o resíduo negro remete ao isolamento dessa população, dos navios negreiros às senzalas e ao distanciamento provocado por preconceito de raça e de classe. Por outro lado, o osso, embora decomposto, é resistente e persiste residualmente, embora na forma de carbono e fosfato de cálcio tribásico, composto usado em medicações destinadas a fortalecer os ossos. É, pois, necessária experiência calcinante para que o osso transforme-se em negro de osso, o qual é capaz de colorir e enrijecer. Similarmente, as várias vivências da autora, nem sempre fáceis, são retomadas pela memória e transformadas pela escrita que, ao reelaborar o vivido, ressignifica a experiência de mundo, influenciando, também, a formação de sua identidade cultural.

---

<sup>17</sup> “À noite, quando tudo e todos estão em silêncio, eu deito na escuridão do meu quarto sem janelas, o lugar onde eles me exilam da comunidade dos seus corações, e me indago, nessa escuridão infinda, se posso encontrar o meu próprio caminho rumo ao lar. Eu conto histórias para mim mesma, escrevo poemas, registro meus sonhos. Em meu diário, escrevo – eu pertencço a esse mundo de palavras. Este é o meu lar. Esta caverna escura, qual negro de osso, aonde vou criando um mundo de mim mesma” (tradução nossa).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da articulação teórica exposta na primeira parte do texto, podemos observar que a identidade e a memória se tecem, mutuamente, como é proposto na dialética da memória e da identidade do antropólogo francês Jöel Candau. Essa noção, aliada às considerações sobre memória coletiva e memória e lugar de Maurice Halbwachs e ao conceito de enquadramento da memória de Michael Pollak, formaram o marco teórico utilizado para entender como esses dois pontos se entrecruzam na escrita literária e na teoria crítica de Bell Hooks. Dessa forma, observamos que o resgate das memórias da infância e o senso de pertencimento ao lugar são os elementos que norteiam o processo de formação da identidade. É estabelecida uma relação dialética: o resgate da memória é o que pauta a construção da sua identidade, e a conformação desta se efetiva pelo lugar, que é posto como um *locus* memorial.

A incursão de Hooks em busca pelo seu lugar no mundo é iniciada ainda na sua experiência primeira no Kentucky, onde se sente acolhida pelo lugar, em virtude da formação geográfica que a protege da cultura branca, do opressor. Em seu percurso pelos Estados Unidos, sobretudo na Califórnia, sente-se deslocada porque ali ela não reconhece a sua própria memória, nem a de seus ancestrais. É apenas ao retornar ao seu lugar de origem e resgatar as lembranças da infância, lá alocadas, que Hooks irá alimentar positivamente seu senso de pertencimento.

Esse percurso mnemônico se efetiva no ato da escrita; essa que é uma forma de conservar a memória, na tentativa salvaguardá-la do esquecimento. Assim, a escrita é responsável, também, por unir a memória e a experiência de lugar à construção da identidade; em outros termos, é na escrita que a autora organiza a sua experiência e projeta o seu eu.

Em vista disso, a dialética da memória e da identidade toma forma na escrita de Bell Hooks, já que o resgate da memória da infância aliado ao processo de formação da identidade constituem-se nos dois vetores que sustentam a construção da narrativa que, por extensão, dá forma à trajetória de vida da autora.

## REFERÊNCIAS

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2012.

FERREIRA, João Paulo Mesquita Hidalgo; FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira. **Nova história integrada**. Campinas: Companhia da Escola, 2005.

<http://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm>

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HOOKS, bell. **Bone Black**: memories of girlhood. New York: Holt, 1996.

\_\_\_\_\_. To know where I'm going. In: **Belonging**: a culture of place. New York: Routledge, 2009. p. 01 – 05.

\_\_\_\_\_. Kentucky is my fate. In: **Belonging**: a culture of place. New York: Routledge, 2009. p. 06 – 24.

\_\_\_\_\_. To be whole and holy. In: **Belonging**: a culture of place. New York: Routledge, 2009. p. 53 – 68.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>. Acesso em 14 jul de 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.